

# A riqueza brota das nossas mãos

por Manuel Tomé

O dia estava lindo. Os raios solares incidindo sobre a cor creme do Land-Rover de caixa aberta produziam efeitos curiosos, sobre o reflexo dos corpos compondo a multidão que rodeava o Presidente Samora Machel. O local era o parque de máquinas de Conhane e a conversa entre o Chefe do Estado e as pessoas girava à volta da higiene, da apresentação, do comportamento dos membros da família, dos trabalhadores.

Samora Machel sobe para a caixa do Land Rover e daí relata o exemplo de alcoólicos que, de tanto beber, acordam no dia seguinte com os olhos vermelhos como se fossem pássaros noctívagos; dos que não se penteiam e não se lavam.

O Presidente chama para junto de si, uma, duas pessoas e pergunta aos presentes se estão penteados, se estão limpos.

Samora Machel dirige-se depois para uma jovem e diz: **tu tens lenço na cabeça porque escondes algo. Vem para o pé de mim. Pede-lhe depois para que tire o lenço.** Quando a moça o faz, sobre a sua cabeça ficam patentes, para todos, as suas belíssimas tranças. Num gesto cheio de simpatia, o Presidente Samora Machel pergunta: **Se tens tranças bonitas, por que escondes a tua beleza?**

A conversa era simples e afável; mas o assunto não era banal. Era a ofensiva. E pode-se perguntar porquê.

A ofensiva, como método e como prática deve ter um carácter permanente. Formativo e educativo, por um lado, e de rejeição das ideias e comportamentos errados, da carga impura que transportamos, por outro. Quando se faz a ofensiva não é apenas a organização e a eficiência que se al-

cançam. Faz-se a transformação, participa-se na criação do homem novo, porque o homem é a um tempo agente e objecto dessa transformação.

Talvez a tónica das palavras do Presidente Samora Machel fossem outras, se estivéssemos, por exemplo, numa cidade. Mas estávamos numa zona predominantemente camponesa.

Não é demais, pois, recordar que na sociedade camponesa não constitui grande preocupação da família o banho regular das crianças (e, por vezes, até dos adultos), mantê-las asseadas e penteadas. A nossa sociedade carrega ainda o peso da herança de resignação e da passividade da sociedade tradicional-feudal.

Diálogo semelhante, o Presidente Samora Machel manteve com os trabalhadores do parque de máquinas de Xilembene e da população que o foi saudar naquele local. Os trabalhadores agora devidamente fardados e penteados, estavam aglomerados junto do alpendre de máquinas, onde a limpeza e a organização já têm outra dimensão.

**Isto está irreconhecível. É outra coisa!** Exclamou o Presidente Samora ao ver como está agora aquele parque que nos princípios do mês de Fevereiro era um exemplo de desorga-

nização, desleixo, de insensibilidade perante a degradação das máquinas. Insensibilidade dos operários, técnicos e responsáveis. As autocombinadas, os tractores, as alfaias estão limpas e organizadas por secções.

Resultado da ofensiva.

O Presidente Samora Machel lança algumas perguntas à multidão:

**Lembram-se como estavam as máquinas aqui? (Sim!) E agora como está isto? (Está bonito!)**

Não se tratava de uma simples questão de auscultar a opinião popular. Mais do que isso era ligar a própria população ao CAIL, ponto de partida para materializar a decisão de transformar o Vale do Limpopo em celeiro do País e para responder à grande preocupação do momento que é a socialização do campo.

E esta ligação poderá ser muito maior. A população tem de sentir de forma prática que o CAIL é seu. CAIL é de todos e todos têm responsabilidades para que desse empreendimento brote a riqueza. Por isso também, como recomendou o Presidente Samora Machel em reunião com o Governo Provincial, além das estruturas centrais, a Província, o Distrito devem acompanhar o desenvolvimento do CAIL.

A transformação do homem não surge apenas na organização do lar, no assumir dos novos valores morais, na aquisição de conhecimentos científicos. Consiste também em aprender a construir o socialismo na prática e a acreditar que a riqueza brota das nossas mãos, de tal modo que cada um participe efectivamente na luta, enquadrando-se em formas superiores de organização.

O aspecto que agora apresentam os parques de máquinas do CAIL em Conhane e Xilembene, são resultado da ofensiva. Mas tal como referiu o Presidente, é necessário atingir um nível ainda maior de organização.

A atitude que o operador tem perante a máquina pode ter uma causa comum com a maneira como ele se comporta em casa. Nalgumas casas do CAIL ocupadas pelos trabalhadores, a destruição, a sujidade, o aspecto de abandono são notórios.

Porque toda a acção de organização e reestruturação no CAIL tem de ganhar uma amplitude maior, mais global. O Chefe do Estado recomendou que até ao fim do ano todas as casas devem estar pintadas e ajardinadas com as respectivas rendas pagas.

No CAIL, onde trabalha o maior exército do operariado agrícola moçambicano, a semente do futuro já foi lançada à terra, já germinou. E agora necessário que as acções seguintes garantam o desenvolvimento saudável da planta do futuro.